

De Realismos

Ivete Walty*

Maria Nazareth Fonseca**

Por ocasião da publicação da antologia **Geração 90, manuscritos de computador** (2001), instalou-se no meio literário brasileiro uma polêmica sobre o chamado conto realista, voltado para as mazelas sociais brasileiras. Nesse sentido, vale lembrar o debate travado entre Bernardo Carvalho e Milton Hatoum, de um lado, e Marçal Aquino e Luiz Ruffato, do outro, em que se discute a subordinação da literatura contemporânea à realidade. A esse respeito diz Bernardo Carvalho:

Um dos problemas da literatura brasileira hoje é essa submissão à realidade. O interessante, independentemente do seu desespero, é você tentar vencê-lo. Se você for submisso à realidade não precisa nem escrever. Quando se escreve é por que se acredita em algo. Acho que há uma espécie de volta ao naturalismo na literatura brasileira que é uma submissão a essa idéia de que a realidade determina o que a realidade é. (CARVALHO, apud MACHADO, 2003, p. E1).

Ruffato, concordando com Carvalho, diz:

Uma coisa é como a realidade se sobrepõe às questões individuais. Outra é quando ela sufoca e você está colocando a cabeça para fora. Uma coisa que eu chamarei de mimética, que é quase jornalística, que se faz muito, e que acho um horror. Outra coisa é a reflexão sobre essa realidade. (RUFFATO, apud MACHADO, 2003, p. E1).

Por sua vez, Aquino pontua:

Existe uma literatura que está, a rigor, muito próxima do jornalismo, que é quase o registro in natura da ocorrência cotidiana. Tem outra que só parte da realidade, o que é maravilhoso. Não se pode ter a pretensão de apreender a realidade, você parte dela para criar. A realidade é sempre mais brutal do que qualquer ficção enlouquecida (AQUINO, apud MACHADO, 2003, p. E1).

* Professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e pesquisadora do CNPq.

** Professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e pesquisadora do CNPq.

O escritor continua seu raciocínio afirmando: “No meu caso, a realidade está muito próxima do meu texto, é um caminho que escolhi, é até uma limitação minha. Mas até pela prática do jornalismo percebi que querer transportar a realidade de forma direta sem o filtro da ficção soa artificial.” (AQUINO, 2003, apud MACHADO, p. E1).

Tal debate, na verdade, não é novo, pois vem ocorrendo na história da literatura, tanto brasileira como portuguesa, desde o século XIX, e africanas a partir do século XX. Em função disso, há de se pensar o realismo não como um estilo determinado no tempo e no espaço, mas como, retomando o conceito de Foucault (1995), uma formação discursiva composta de momentos enunciativos diversos e constituídos de elementos dispersos, sem necessariamente um denominador comum. Diz Foucault:

[...] uma formação discursiva não desempenha, pois, o papel de uma figura que pára no tempo e o congela por décadas ou séculos: ela determina uma regularidade própria de processos temporais; coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos. Não se trata de uma forma intemporal, mas de um esquema de correspondência entre diversas séries temporais. (FOUCAULT, 1995, p. 82).

Nesse sentido, o realismo poderia ser pensado como uma grande formação discursiva que abriga outras formações discursivas. Assim sendo, há de se pensar o movimento realista/naturalista do fim do século XIX em sua diversidade, visto ora como uma busca de tradução da realidade, ora como um movimento artificial que, na busca de retratar a realidade, cai no escamoteamento dessa mesma realidade (SODRÉ, 1976). Diz o autor:

Fugindo de figurar as suas exatas dimensões e a profundidade social de seus motivos, o naturalismo descaía inevitavelmente para o excepcional, para o isolado, para o extremo, para o arbitrário. É por isso que acaba por fixar-se no patológico, nos tipos descomedidos, no ébrio, no criminoso, na histérica, no anormal, como se criaturas tais estivessem em condições de espelhar o conjunto. Nessas figuras, por outro lado, o que avultava era antes o individual do que o social, daí a deformação a que se submetia a transposição da vida para a arte.” (SODRÉ, 1976, p. 384).

Há de se considerar também as releituras do realismo feitas pelo surrealismo, pelo realismo mágico, pelo realismo fantástico e pelo realismo animista. Sobre esse último, por exemplo, Harry Garuba (2003), da University of Cape Town, considera que a lógica do realismo animista “subverte e desestabiliza a hierarquia da ciência sobre a magia e da narrativa secularista da modernidade através da reabsorção do tempo histórico nas matrizes do mito e do mágico.” (GARUBA, 2003, 245).

Por sua vez, o realismo de 30 no Brasil e o neorealismo português, marcados pelo marxismo, partem de outro conceito de real. Nesse momento delineia-se outro projeto de nação e, para alcançá-lo, exibem-se as mazelas sociais para que sejam corrigidas, sempre no nível das relações sociais e não individuais. No Brasil, como observa Candido, a década de 30 marca o momento de fundação de um novo espaço público; momento em que o papel dos homens de cultura estava em questão. (CANDIDO, 2000).

Nas décadas de 1960 a 1980, ressalta-se na literatura a opção pela vida marginal, a cidade partida, a luta contra o regime militar e o realismo documentário. Flora Sussekind (2004) denomina tais tendências de literatura-verdade e literatura política. Daí a criação pela crítica de novos termos, como hiper-realismo, realismo de choque, brutalismo. (BOSI, 1995).

A literatura atual continua abrigando fortes traços realistas, já que, como bem mostra Pellegrini (2007), “o pacto realista continua vivo e cada vez mais atuante, (...) assumindo as mais diferentes formas expressivas, que incluem mesmo as rupturas e transformações efetivadas a partir do Modernismo” (PELLEGRINI, 2007, p. 137-138). Daí determinados rótulos que circulam na crítica, como realismo indexical, realismo performático e realismo afetivo (SCHØLLHAMMER, 2012). Schøllhammer, discorrendo sobre os novos realismos, afirma:

Diríamos, inicialmente, que o novo realismo se expressa pela vontade de relacionar a literatura com a realidade social e cultural da qual emerge, incorporando essa realidade esteticamente dentro da obra e situando a própria produção artística como força transformadora. Estamos falando de um tipo de realismo que conjuga as ambições de ser ‘referencial’, sem necessariamente ser representativo e ser, simultaneamente, ‘engajado’, sem necessariamente subscrever nenhum programa político ou pretender transmitir de forma coercitiva conteúdos ideológicos prévios. (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 54).

Essas diferentes posições passam também por diferentes formas de mediações no trato com a realidade. Como o ato de deslocar consiste em um tipo diferenciado de mediação, importa verificar como tais rupturas e transformações estão construídas em textos literários do Brasil, de Portugal e da África de Língua Portuguesa.

Para responder a essas muitas questões, vários artigos nos foram enviados e alguns deles aqui publicados. Na continuação de sua reflexão sobre o assunto, Schøllhammer, no artigo “Do realismo ao pós-realismo”, aponta traços de estéticas realistas em obras diversas em diálogo com outras produções culturais como a pintura.

Também no caminho da reflexão teórica encontram-se os textos “Origens do realismo na teoria estética marxista do entre guerras”, de Marcos Rogério Cordeiro e Alysson Quirino Siffert; “Romance e realismos”, de Lilian Paula Serra e Deus; “Realismo e (des)subjetivação: as várias faces da fome em três momentos da literatura brasileira”, de Valéria Aparecida de Souza Machado. Todos tratam da questão da *mimesis*, da relação ficção e realidade, dos próprios conceitos de real e realidade e do trânsito dos conceitos de realismo ao longo da história da literatura.

Uma discussão bem pormenorizada do conceito continua em textos que analisam algumas obras em particular. É o caso de artigos que tratam das literaturas africanas de língua portuguesa, como “A mediação literária da realidade colonial: representações da realidade nas literaturas africanas em português”, de Inocência Mata; “A poesia de combate moçambicana: tópicos de um realismo”, de Ubiratã Souza e Rejane Vecchia da Rocha e Silva; além de “Memórias da guerra: um diálogo entre poemas, de Odete Semedo e o registro fotográfico do conflito armado de 1998-1999, na Guiné-Bissau,” de Karina de Almeida Calado. Em todos eles, mostra-se como conflitos sócio-históricos e políticos são encenados pela literatura ampliando seu campo de atuação.

Discorrendo sobre o fazer literário sem deixar de considerar sua interface com a sociedade, sobretudo a vida urbana, estão os artigos “O realismo grotesco e o grotesco onírico em “Romance negro”, de Rubem Fonseca”, de Luís Otávio Hott; “Cotidiano e anonimato nas cidades: a enunciação peregrina de Rubem Fonseca”, de Vera Lucia Follain de Figueiredo. Não por acaso, Rubem Fonseca está nos dois estudos, ratificando o tema do realismo em sua complexidade. Com foco mais detido na questão da violência urbana, debruçam-se os textos “Consecrated Ground: Spatial Exclusion and the Black Urban Body”, de Domenico Beneventi, “Elementos para uma aproximação da prosa realista contemporânea de Sérgio

Fantini”, de autoria de Ana Elisa Ribeiro e Rafael Fernandes Carvalho, e “Das amarras do poder às entrelinhas do discurso: a pedagogia ambígua da favela em **Capão pecado**, de Ferréz”, escrito por Juan Filipe Stacul, que evidenciam como uma nova vertente narrativa marca a produção literária contemporânea.

Já os artigos “Intelectual em São Bernardo: agregar”, de Rogério Silva Pereira, “Mediação narrativa na Geração de 30: Graciliano Ramos e o empilhamento palimpséstico de vozes e recursos estilísticos”, de Marcelo Marinho e Larissa Paula Tirloni e “Intertextos e mediações culturais em Nélide Piñon”, de Carlos Magno Gomes, refletem sobre o lugar do intelectual, em sua atuação por meio da escrita, na época de 30 ou na vertente feminina contemporânea.

Sem se abrigar diretamente sob a temática do presente volume, mas em sua interface, estão os artigos “Rastros de memória e fagulhas da criação em **Cinzas do norte**”, de Roniere Menezes e Izabel Fonseca Sá, com interrogações sobre a relação memória e política e “Perguntas sobre o conservadorismo de José de Alencar”, escrito por José Quintão de Oliveira, rastreando a posição política do autor.

Agregam-se aos ensaios, entrevistas de autores africanos e brasileiros sobre a relação ficção e realidade no exercício de literatura, com especial interesse sobre lugares e funções dessa relação em países dados como periféricos.

Fora do dossiê temático e especificamente sobre a poesia encontram-se agrupados os artigos “Uma aproximação às poesias completas de Machado de Assis”, de José Américo Miranda, “Mito e poesia em ‘Desaparição do mito’, de Emílio Moura”, de Luciano Dias Cavalcanti e “Cecília Meireles e o retrato falante”, de Ilca Vieira de Oliveira.

Finalmente, Maurício Silva assina a resenha sobre a obra de Freud publicada em 2014, **Escritos sobre literatura**, enquanto Fábio Lucas dá notícias da obra **Mergulho na razão do espanto**, de Rui Mourão.

Espera-se que o presente volume contribua para outros estudos do realismo na literatura e outras artes, na ampliação da rede de formações discursivas.

Referências

- CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia. In: **Literatura e sociedade**. São Paulo: Cia Editora nacional, 1973. p. 3-15.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- GARUBA, Harry. Explorações no realismo animista: notas sobre a leitura e a escrita da literatura, cultura e sociedade africana. Tradução de Elisângela da Silva Tarouco. **Nonada - Letras em Revista**. Porto Alegre, ano 15, n. 19, p. 235- 256, 2012.
- MACHADO, Cassiano Elek. A literatura brasileira dividida por quatro. **Folha de S. Paulo**, 26/07/2003, p. E1 e E3
- PELLEGRINI, Tânia. Realismo: postura e método. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 137-155, dez. 2007.
- SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2009.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- SUSSEKIND, Flora. Literatura e vida literária - Polêmicas, diários & retratos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- WALTY, Ivete. Antologias: arquivo e exclusão; violência e realismo. **Portuguese Cultural studies** 1, p.33-40. Springer 2007.